

## INFLUÊNCIA DOS ESTUDOS QUEER NO PAGANISMO CONTEMPORÂNEO

Emmanuel Ramalho de Sá Rocha, Elton Bruno Amaral de Oliveira

**Resumo:** Este artigo tem como proposta apresentar a influência que os estudos *queer* vêm exercendo nos grupos pagãos contemporâneos, bem como a apropriação do discurso *queer* que estes grupos vêm absorvendo quanto às suas práticas sexuais e religiosas. Desse modo, trata-se de observar e analisar as práticas sexuais “dissidentes”, isto é, aquelas que escapam ao binarismo heterossexual-homossexual, que estão no interior da sociedade ocidental heteronormatizada ao tratar a sexualidade como um dispositivo histórico de poder. Tais práticas se revelam não apenas alternativas de escape ao já comentado binarismo, mas também uma estratégia de contestação do modelo “naturalizado” de sexualidade heteronormativa. Assim, o artigo centra-se na busca de compreender em que medida grupos pagãos, na contemporaneidade, estão aderindo à postura *queer* em suas dinâmicas religiosas no tocante a sexualidade.

**Palavras chave:** Queer. Paganismo contemporâneo. Sexualidade. Religiosidade.

**Abstract:** This essay presents the influence that queer studies have played in contemporary pagan groups, as well as the appropriation of queer discourse that these groups have been absorbing to their sexual e religious practices. Thus, we observed and analyzed the "dissident" sexual practices, i.e., those outside the heterosexual-homosexual binary, which are within the heteronormative Western society, as it sees sexuality as a historical power device. Such practices are revealed not only as alternatives to the already mentioned binary, but also a strategy for contesting the “natural” model of heteronormative sexuality. Thus, the article focuses on the quest to understand the extent to which pagan groups in contemporary society are sticking to queer stance on religious dynamics regarding sexuality.

**Key Words:** Queer. Contemporary paganism. Sexuality. Religiosity.



## 1. Introdução

O paganismo é um sistema mágico-religioso “inspirado pelas tradições indígenas, pré-cristãs, da Europa”<sup>1</sup> (Clifton; Harvey, 2004: 1 ss., tradução nossa). Esse sistema pode ser compreendido dentro do contexto pós-moderno, com características de interconectividade e pluralidade de crenças, valorização das dimensões imanentes do sagrado caracterizado pela adoração do mundo natural, politeísmo, conceitos de magia e sacralização do corpo e sexualidade (York, 2003).

Apesar dos “Pagãos contemporâneos, afirmarem sacerdotes mulheres e LGBT progressivamente, apoiarem relacionamentos de pessoas do mesmo sexo e de múltiplos parceiros”<sup>2</sup> (Kraemer, 2012: 391 ss., tradução nossa), desde o seu surgimento nas décadas de 1950 e 1960, o paganismo contemporâneo enfrenta desafios quanto à inclusão e aceitação de identidades que vão além da binaridade de gênero e da heteronormatividade devido a dogmas essencialistas.

Contudo, tanto acadêmicos inseridos nos *Pagan Studies* quanto membros dessa tradição mágico religiosa têm, em uma tendência crescente nas duas última décadas, analisado e reinterpretado as crenças e práticas pagãs acerca de gênero e sexualidade através da perspectiva da teoria – ou estudos – *queer*.

Surgida no final da década de 1980, os estudos *queer* desenvolveram-se especialmente nos Estados Unidos, possuindo uma ampla gama de pesquisadores e ativistas das causas acerca da diversidade e liberdade sexual. “*Queer* pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário”, diz Louro (2004, p. 38). O termo então passou a ser utilizado, pelos ativistas e pesquisadores, de modo positivo, isto é, invertendo a carga negativa e pejorativa que era atribuída ao termo com o intuito de insultar os homossexuais. Segundo a filósofa estadunidense Judith Butler, uma das vozes precursoras na área dos estudos *queer*, tal expressão “adquire todo o seu poder precisamente através da invocação reiterada que o relaciona com acusações, patologias e insultos” (Butler, 2002: 58 ss.). Desse modo, haveria segundo ela uma prática

<sup>1</sup> “[...] inspired by the indigenous, pré-Christian, traditions of Europe.”

<sup>2</sup> “Contemporary Pagans have been progressive in affirming women and GLBT people as clergy, blessing same-sex and multiple-partner relationships;”



linguística cujo objetivo seria o de degradar àqueles aos quais se referem – primordialmente os homossexuais.

Dessa forma, esse trabalho tem como objetivo investigar a influência dos estudos *queer* no paganismo contemporâneo e investigar em que medida tais grupos, a partir do discurso e ou da tentativa empreendida pelos propositores dos estudos *queer*, buscam legitimar práticas sexuais que transcendem/transgridem e contestam os binarismos acerca da sexualidade, especialmente a prática heterossexual, bem como romper com as distinções de gênero que opõem indivíduos em grupos (masculino X feminino). Tratar-se-ia, assim, tanto para esses grupos pagãos contemporâneos, quanto para os que defendem os estudos *queer*, de atribuir ao termo *queer* um novo significado ao termo, qual seja o de estabelecer e entendê-lo como uma prática de vida que se contrapõe ao *status quo* social.

## 2. Breves notas acerca dos estudos *queer*

Os estudos *queer* atacam uma repronarratividade e uma reproideologia, bases de uma heteronormatividade homofóbica, ao naturalizar a associação entre heterossexualidade e reprodução (Lopes, 2002: 24 ss.).

Como podemos observar na citação acima, os estudos *queer* centram-se na crítica e desconstrução do que se convencionou chamar de heteronormatividade compulsória, também da homofobia, estas defendidas por aqueles que enxergam a heterossexualidade como o único modelo natural, saudável e correto. Sendo assim, os primeiros trabalhos desses teóricos *queer*, apontam para a construção desse modo cujo objetivo foi o de normatizar as relações sexuais. Neste sentido, ativistas e pesquisadores dos estudos *queer* se lançaram na busca de desconstruir o argumento que afirma que a sexualidade segue um curso natural.

A sexualidade passa então a ser vista como um campo em disputa, bem como um espaço cujos limites e significados se travam no campo das disputas políticas. Segundo Szwako, deve ser levado em consideração para tal entendimento acerca da sexualidade “a influência de diferentes matrizes crítico-filosóficas, advinda daqueles autores franceses cuja obra foi unificada sob o rótulo ‘pós-estruturalista’” que, a partir de então, as “interpretações acadêmicas se voltam menos para a sexualidade, enfatizando agora os efeitos dos discursos sobre o ‘sexual’” (Swako, 2007: 267 ss.).



Teórica e metodologicamente, os estudos queer surgiram do encontro entre uma corrente da Filosofia e dos Estudos Culturais norte-americanos com o pós-estruturalismo francês, que problematizou concepções clássicas de sujeito, identidade, agência e identificação. Central foi o rompimento com a concepção cartesiana (ou Iluminista) do sujeito como base de uma ontologia e de uma epistemologia. Ainda que haja variações entre os diversos autores, é possível afirmar que o sujeito no pós-estruturalismo é sempre encarado como provisório, circunstancial e cindido (Miskolci, 2009: 152 ss.).

Com isto, a teoria – ou estudos – *queer*, busca elaborar uma noção da dissidência sexual e da construção das chamadas identidades estigmatizadas (gays, lésbicas, bissexuais, transsexuais e travestis) que, do interior do lugar de visto como “inferior”, “sujo”, “impróprio”, “não natural”, pretendem afirmar que se trata, na verdade, de uma “opção” sexual distinta, contudo ainda parte do vasto campo dos desejos humanos.

Para os pesquisadores e ativistas que se ocuparam dos estudos *queer*, Michel Foucault e Jacques Derrida foram pensadores de grande relevância. Miskolci destaca que as obras História da Sexualidade I: a vontade de saber (1976) e Gramatologia (1967), foram centrais e deram base filosófica para “para uma empreitada teórica mais ambiciosa do que a empreendida até então pelas ciências sociais” (Miskolci, 2009: 152 ss.). Vejamos, brevemente, o que diz Foucault em História da Sexualidade que foi fundamental para os estudos *queer*.

O primeiro volume de História da Sexualidade, segundo Miskolci, teria rompido com a maneira repressiva pela qual os estudos até meados da década de 1970 eram norteados. Para Foucault, a sociedade em que vivíamos, estava presa, há cerca de um século, em uma fala unilateral de si mesma, isto é, “fala prolixamente de seu próprio silêncio, obstina-se em detalhar o que não diz; denuncia os poderes que exerce e promete libertar-se das leis que a fazem funcionar”. (Foucault, 2005: 14 ss.). Apreende-se então que, de acordo com Foucault, a sexualidade passava por um processo de construção por meio de discursos, logo esta não seria uma proibição. Foucault demonstra que o homossexual fora uma invenção, denotando que as identidades sociais são resultantes de como o conhecimento é organizado e, por conseguinte, desemboca em noções naturalizadas acerca das próprias identidades sociais nos saberes dominantes.

A sexualidade tornou-se objeto de sexólogos, psiquiatras, psicanalistas, educadores, de forma a ser descrita e, ao mesmo tempo, regulada, saneada, normalizada por meio da delimitação de suas formas em aceitáveis e perversas. Daí a importância daquelas invenções do século XIX, a homossexualidade e o sujeito homossexual, para os processos sociais de regulação e normalização. (Miskolci, 2009: 153 ss.)



No tocante a contribuição de Derrida, foi o conceito de complementaridade e a proposta metodológica da desconstrução importantes contribuições para os estudos *queer*. Miskolci nos diz:

A complementaridade mostra que significados são organizados por meio de diferenças em uma dinâmica de presença e ausência, ou seja, o que parece estar fora de um sistema já está dentro dele e o que parece natural é histórico. Na perspectiva de Derrida, a heterossexualidade precisa da homossexualidade para sua própria definição, de forma que um homem homofóbico pode-se definir apenas em oposição àquilo que ele não é: um homem gay. Este procedimento analítico que mostra o implícito dentro de uma oposição binária costuma ser chamado de desconstrução. (Miskolci, 2009: 153 ss.)

Em relação ao procedimento metodológico da desconstrução, trata-se de “explicitar um jogo entre presença e ausência”, sendo então a complementaridade “o efeito da interpretação porque oposições binárias como a de hetero/homossexualidade, são reatualizadas e reforçadas em todo ato de significação” (Miskolci, 2009: 154 ss.). Dessa forma, cai-se sempre na lógica binária, pois sempre que tenta-se escapar dela, acaba-se por reinstaurar as suas bases.

Foi então a partir das contribuições desses dois autores que, segundo Miskolci, teóricos como Eve K. Sedgwick, David M. Halperin, Judith Butler e Michael Warner trouxeram para as suas análises a proposta de Foucault, qual seja a de estudar a sexualidade como um dispositivo de poder, localizando-o historicamente nas sociedades ocidentais modernas, que insere o sexo em sistemas de unidade regulação social. Os estudos *queer*, portanto, “sublinham a centralidade dos mecanismos sociais relacionados à operação do binarismo hetero/homossexual para a organização da vida social contemporânea, dando mais atenção crítica a uma política do conhecimento e da diferença”. (Miskolci, 2009: 154 ss.)

Segundo o sociólogo Steven Seidman, os estudos *queer* nada mais seriam do que práticas sociais e conhecimentos voltados para a organização da “‘sociedade’ como um todo, sexualizando – heterossexualizando ou homossexualizando – corpos, desejos atos, identidades, relações sociais, conhecimentos, cultura e instituições sociais”. (Seidman, 1996: 13 ss.)

Para Butler, no que se referem os estudos de gênero, a questão central é compreender a noção de performatividade – categoria que ela mesma elabora. A autora afirma que “o gênero é performativo porque é resultante de um regime que regula as diferenças de gênero. Neste regime os gêneros se dividem e se hierarquizam de forma coercitiva” (Butler, 2002: 64 ss.). Com tal noção – performatividade -, a filósofa



estadunidense busca mostrar que é a repetição das normas, inclusive realizada de forma ritualizada, que permite a criação de sujeitos que são, eles próprios, apenas um resultado dessas repetições. O que decorre disto é a rejeição social daqueles que se distanciam ou não se reconhecem dentro dessas normas que exigem certas características e ideias de feminilidade e masculinidade associados, por sua vez, a uma união heterossexual.

De modo geral, os estudos *queer* propõem compreender a sexualidade como um dispositivo histórico de poder. Sendo um dispositivo, trata-se, portanto, de um “conjunto heterogêneo de discursos e práticas sociais, uma verdadeira rede que se estabelece entre elementos tão diversos como a literatura, enunciados científicos, instituições e proposições morais”. (Miskolci, 2009: 155)

Passemos à seguinte na qual buscaremos aproximar os estudos *queer* da postura de determinados grupos pagãos contemporâneos no tocante à prática da sexualidade.

### 3. Paganismo contemporâneo

Desde a década de 60 a bruxaria pagã tem sido de interesse a pesquisadores dos estudos de gênero e sexualidade, principalmente nos Estados Unidos e Europa. Para as pessoas que criavam e recriavam tal segmento mágico, a segunda onda do feminismo foi uma das influências (Clifton; Harvey, 2004).

A segunda onda é marcada por noções essencialistas de gênero; com a absorção dessas perspectivas essencialistas novos grupos de bruxaria pagã de aderência exclusiva para homens ou mulheres surgiram, como os grupos de Arte Diânica nos Estados Unidos, que só aceitavam mulheres (Helix, 2004), contudo, os adeptos da Wicca, desde a década de 1950, já acreditavam na binaridade divina de gênero e insistiam que seus rituais só podiam ser realizados com uma quantidade equilibrada de homens e mulheres – inseridos numa perspectiva heteronormativa – pois a polaridade de gênero não é apenas cultural, mas cósmica.

Dessa forma, muitos *trans* e homossexuais se sentiam excluídos em suas comunidades pagãs, devido às representações binárias de gênero e sexualidade das divindades e presentes em muitos rituais e práticas mágicas (Helix, 2012), e há casos de discriminação destes em alguns grupos pagãos (Moonwater, 2012).

Porém, devido à não aceitação aberta de homossexuais em outras tradições religiosas e à valorização do corpo e da sexualidade no paganismo, houve uma enorme adesão de muitos transgêneros, transexuais e homossexuais a grupos pagãos, o que



contribuiu para ampliar as discussões sobre como sexo, gênero e preferência sexual afetam na magia, rituais, relacionamentos com deuses e deusas (Thompson, 2012); assim, contemporaneamente, há uma diversidade de opiniões sobre o tema no meio pagão (Clifton; Harvey, 2004), e os estudos *queer* têm sido muito usados no processo de desconstrução de binarismos religiosos e inclusão daqueles além dessas dualidades.

Segundo Christine Kraemer (2012), a partir da segunda metade da década de 1990, pesquisadores dos *Pagan Studies* têm se aproximado das análises de Judith Butler, em particular do conceito de performatividade de gênero, e de Michel Foucault sobre a constituição cultural e as dinâmicas de poder das sexualidades. As investigações teóricas acerca de gênero e sexualidade no paganismo através dos estudos *queer* se fizeram sentir, mais tarde, nos grupos pagãos:

Na década de 2000, correntes do paganismo identificadas como *queer* começaram a fazer ouvir suas vozes de forma mais ampla [...] O termo "queer" foi abraçado como um termo geral para as pessoas GLBT e seus aliados, bem como as minorias sexuais de outros tipos (por exemplo, praticantes de BDSM, celibatários, etc) [...] Pagãos *queer* também desafiaram o essencialismo de gênero restante na polaridade sexual ainda praticada (embora menos prescritiva que antes) por alguns wiccanos [...] e no paganismo feminista, que tinha uma tendência a igualar a divindade feminina e suas qualidades positivas associadas unicamente com os corpos de mulheres biológicas. Pagãos começaram a explorar a possibilidade de divindades *queer* e transexuais (Kraemer, 2012: 392 ss., tradução nossa).<sup>3</sup>

Um exemplo de divindade *queer* está na tradição *Faery*, que inicialmente eram exclusivos de homens homossexuais, porém, devido à influência dos estudos *queer*, passaram a permitir membros de outras sexualidades. Algumas correntes dessa tradição têm como divindade o/a Deus/Deusa Estrela, que é "clitofálico" e contém todos os gêneros (Helix, 2012). Contudo, também há resgates de divindades de antigos panteões com características "[...] *queer*, andrógina e transgênero"<sup>4</sup> (Kraemer, 2012: 396 ss.).

Já um exemplo de discussão influenciada pela teoria *queer* no meio pagão a respeito de rituais e vida religiosa ocorreu na Conferência *PantheaCon* em 2011, nos Estados Unidos, a qual reúne pagãos do país. Pagãos identificados como *queer* criticaram grupos Diânicos – constituído apenas de mulheres "biológicas" – acerca de

<sup>3</sup> "In the 2000s, queer-identified strands of Paganism began to make their voices heard more widely [...] The term "queer" was embraced as a blanket term for GLBT people and their allies, as well as sexual minorities of other kinds (for instance, BDSM practitioners, celibates, etc.) [...] Queer Pagans also challenged the gender essentialism remaining in the sexual polarity still practiced (though less prescriptively than before) by some Wiccans [...] and in feminist Paganism, which had a tendency to equate feminine divinity and its associated positive qualities solely with the bodies of biological women. Pagans began to explore the possibility of queer and transgender deity)."

<sup>4</sup> "queer, androgynous, and transgender".



perspectivas essencialistas sobre menstruação e educação de crianças, alguns pagãos também argumentaram que mulheres trans deveriam ser incluídas nos rituais por terem almas ou energias femininas (Kraemer, 2012: 396 ss.).

A crença em almas ou energias femininas entre pagãos *queer*, por exemplo, demonstra que apesar dos avanços quanto à desconstrução de binarismos, há ainda muitas crenças essencialistas em evidência, além disso, uma visão *queer* do paganismo está longe de ser unanimidade nessa tradição religiosa e até mesmo nos grupos com vasta aderência de *queers*, *trans* e homossexuais há confusões sobre como seria uma cosmologia pagã *queer*.

Por exemplo, os já mencionados grupos *Faery* – tradição inicialmente gay que se torna *queer* – tal decisão dividiu a comunidade *Faery* entre os que queriam a manter como espaço exclusivo para homens gays e aqueles que queriam uma comunidade *queer*. Em outros grupos *queer* há também a persistência em estereótipos de gênero essencialistas de seus membros, adoração de divindades que reafirmam a binaridade ou heteronormatividade ou a execução de práticas mágicas baseadas em crenças de divisão de capacidades espirituais exclusivamente de homens ou mulheres (Kraemer, 2012).

#### 4. Considerações finais

Portanto, a influência dos estudos *queer* no paganismo se torna evidente; cosmologia e vida religiosa têm sido diretamente afetadas por tal perspectiva e devido à sua crescente inserção no meio pagão, provavelmente, se fará sentir ainda mais.

Apesar de a maioria dos grupos pagãos contemporâneos continuarem acreditando em uma polaridade sexual que se manifesta espiritualmente, energeticamente e biologicamente, a heteronormatividade exigida por diversos grupos nas décadas de 1950 e 1960 cessou (Kraemer, 2012). Na verdade, um fenômeno crescente é o de sacerdotes homens gays substituindo as sacerdotisas mulheres heterossexuais comuns nas primeiras décadas, assim como também os grupos que não se consideram *queers* ou qualquer outra definição orientada por gênero, sexo ou preferência sexual, mas que a maior parte de seus membros se define como *queer*.

Em geral há aceitação e até reconhecimento do papel desempenhado pelos *queers* na formação da tradição pagã contemporânea. Para muitos adeptos, o paganismo contribuiu no processo de “liberação gay” (Starhawk, 2005: 8 ss.) e, por isso, veem com normalidade muitos dos grupos pagãos gays, como *The Brotherhood of the*



*Phoenix, Circle of Dionysos, Ekklesia Antinou, Brotherhood of the Satyr, The Unnamed Path, The Amethyst Pentacle*, entre outros, se tornarem cada vez mais *queer*. Segundo Kraemer (2012), a quantidade de grupos Fairy *queer* já é maior do que os de apenas homens gays.

No entanto, desafios teológicos quanto à inserção de uma visão de mundo *queer* ainda existem e exigem análises adequadas da cosmologia pagã para contorná-los, e a contribuição teórica dos acadêmicos inseridos nos *Pagan Studies* é essencial, porém quando se trata de gênero e sexualidade esses estudos ainda estão quase que totalmente focados nas mulheres. Já para os estudos *queer*, Kraemer (2012: 398 ss.) afirma:

O estudo do paganismo contemporâneo tem muito a oferecer aos estudantes de gênero e estudos queer [...] os estudiosos devem trazer ferramentas teóricas sofisticadas e um olhar crítico a um movimento religioso que cresce rapidamente e que, preferencialmente, atrai dissidentes sexuais.<sup>5</sup>

Esses dissidentes estão criando uma nova religiosidade e novos espaços de liberdade às diversas sexualidades, e considerando o grande crescimento do paganismo contemporâneo, principalmente em países capazes de influenciar culturalmente muitos outros, como Estados Unidos e Inglaterra, espera-se que a espiritualidade *queer* presente no paganismo permita a desconstrução de restrições comportamentais e preconceitos na sociedade.

## 5. Referências bibliográficas

BUTLER, Judith. Criticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. *Sexualidades transgresoras. Una antología de estudios queer*. Barcelona: Icária editorial, 2002, p. 55 a 81.

Clifton, Chas; Harvey, Graham (org.) (2004), *The Paganism Reader: An introduction*. Nova Iorque: Routledge.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Graal, 2005.

<sup>5</sup> The study of contemporary Paganism has much to offer students of gender and queer studies. [...] scholars should bring sophisticated theoretical tools and a critical eye to a religious movement that is both rapidly growing and preferentially attracting sexual dissidents.



Helix (2012), “Polarity without gender”, in Thompson, Sarah *et al* (org.), *Gender and Transgender in the Pagan Community*. Cupertino: Circle of Cerridwen Press, 35-41.

LOPES, Denílson. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Kraemer, Chritine Hoof (2012), “Gender and sexuality in contemporary Paganism”, *Religion Compass*, 6(8), 390-401.

MISKOLCI, Richard (2009). “A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização”. *Revista Sociologias*, 21, 150-182.

Moonwater, Amethyst (2012), “The Goddess and Transphobia”, in Thompson, Sarah *et al* (org.), *Gender and Transgender in the Pagan Community*. Cupertino: Circle of Cerridwen Press, 5-11.

SEIDMAN, Steven. *Queer Theory/Sociology*. Malden: Blackwell, 1996.

Starhawk (2005), *La danza en espiral*. Barcelona: Obelisco.

Thompson, Sarah *et al* (org.) (2012), *Gender and Transgender in the Pagan Community*. Cupertino: Circle of Cerridwen Press.

York, Michael (2003), *Pagan Theology: Paganism as a world religion*. Nova Iorque: New York University Press.

